

O prazer e a força do poder

MERVAL PEREIRA

Nunca o Congresso se sentiu tão forte, tão participe das ações do Governo. E nunca um governo teve tanta força no Congresso, aprovando com facilidade projetos de reformas, muitos polêmicos.

Qual é o segredo?

Muito verbo e pouca verba, apesar dos cétricos de plantão, que não acreditam em governos que dão certo. A relação pessoal do presidente com os políticos é a chave das vitórias e existem histórias deliciosas sobre como se desenvolvem as relações desses mesmos políticos com ministros, uma relação geralmente de desconfiância e desconforto de ambas as partes.

Recentemente, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, chegou para uma reunião com parlamentares do PMDB e pediu que jornalistas e assessores fossem tirados da sala. Todos acharam que a exigência indicava que Malan revelaria pontos relevantes da política econômica, mas o ministro, sempre muito recatado, foi se esquivando de responder às perguntas.

Alguém perguntou, lá pelo meio da conversa, que já se mostrava difícil, quanto o Governo pagava de juros da dívida interna. Malan recusou-se a revelar o dado, e ficou nervoso quando o líder do Governo, Luís Carlos Santos, começou a revelar, baixinho, o número cabalístico: "15 bilhões, pode dizer, 15 bilhões", tentava ajudar Luís Carlos, para desespero de Malan.

Acontece que, além de o número

ser de conhecimento público, pois está no orçamento, o próprio presidente Fernando Henrique Cardoso já havia falado sobre ele para políticos ali presentes. Essa parece ser a razão do sucesso de Fernando Henrique com os políticos: ele revela números oficiais como se fossem secretos, enquanto alguns ministros os escondem como se realmente fossem secretos.

Veja-se o caso do deputado João Mendes, do PTB do Rio, que se tornou famoso da noite para o dia ao revelar a mudança na política cambial depois de uma conversa com o presidente. Ponto para ele, que foi o único dos integrantes da bancada do PTB que entendeu as entrelinhas do que Fernando Henrique dissera.

Quem conversa com o presidente poderia até cortar com uma faca o clima de prazer que o cerca, como uma espécie de aura. Está ali um homem feliz com o poder, com a liturgia do cargo e com os mecanismos que esse poder lhe oferece para pôr em prática suas idéias.

O início do Governo foi conflituoso e dava a impressão de que os tucanos não administravam bem os mecanismos do poder. Fernando Henrique aprendeu rápido que, num presidencialismo forte como o brasileiro, é do Palácio do Planalto que emanam as linhas mestras que darão o rumo do país.

Sendo o Congresso um parceiro indispensável nesse processo, é necessário firmeza de ação por um lado, e entendimento com os diversos partidos por outro, para tornar a democracia operacional. O presidente nega com veemência que tenha trocado cargos por votos no Congresso, em-

bora seja inegável que partidos políticos tenham indicado candidatos a vários cargos.

Diferentemente de outras vezes, no entanto, alguns critérios técnicos foram obedecidos e cargos-chave foram preservados das influências políticas.

Esse trabalho fica extremamente dificultado num quadro partidário multifacetado como o que existe hoje, mas parece inevitável que uma reforma partidária recolocará as coisas em seus devidos lugares. Estudos recentes mostram que, diferentemente do que em geral se supõe, existem partidos organizados segundo uma coerência programática: PMDB, PSDB, PFL, PPR, PDT, PT, PPS e PSB seriam eles, enquanto pequenas siglas como o PP e o PTB existiriam na órbita do PFL. Isto é, o PFL informal seria muito maior do que o formal, e sua influência no Congresso mais expressiva do que apenas a de seus filiados.

Por outro lado, se o PPR resistir à reforma partidária, equilibraria mais a atuação da direita dentro do Congresso, servindo de contrapeso à influência do PFL no Governo.

No lado da esquerda, que é onde o presidente Fernando Henrique faz questão de se colocar, os dissidentes do PMDB, do PDT e do PT, que começam a se mexer para encontrar uma nova sigla, devem acabar mesmo no PSDB, se depender do trabalho de arregimentação que o ministro Sérgio Motta está organizando com vistas ao projeto 2015.

Merval Pereira é diretor da sucursal do GLOBO em Brasília.